



REPRESENTAÇÕES SOBRE O FEMININO E O MASCULINO EM GIBIS DA “TURMA DA MÔNICA”¹

Submetido em: 15/10/2019
Aprovado em: 10/11/2019

Alexandre Eustáquio Teixeira²

RESUMO

Trata-se de um trabalho de análise exploratória e qualitativa de representações de gênero identificados em uma amostra não probabilística de Gibis da Mônica, do Cebolinha, do Cascão e da Magali, produzidos pelos estúdios Maurício de Souza e publicados entre os anos de 1991 e 2009. Procurou-se demonstrar que, apesar de alguns personagens supostamente apresentarem algumas características de gênero que seriam divergentes dos padrões hegemônicos, os gibis analisados representam homens e mulheres (adultos ou crianças) com características físicas e comportamentais bem marcadas e hierarquizadas. Essas representações reproduzem concepções essencialistas das identidades de gênero e pressupõem diferenças que seriam inatas entre homens e mulheres e uma heterossexualidade compulsória. Esse trabalho se soma a outros, nos esforços de compreender as permanências de sistemas representacionais sobre o feminino e o masculino, em um segmento específico da indústria cultural brasileira, em um período de importantes avanços nas políticas de identidades e sociais para a mulheres no país.

¹ Artigo adaptado de um trabalho de investigação apresentado originalmente no GT “Literatura, Comunicação e Mídia”, no I Seminário Internacional “Enlaçando Sexualidades”, realizado na Universidade do Estado da Bahia (Uneb), em Salvador (BA), de 28 a 31 de julho de 2009.

² Doutor em Ciências Sociais. Professor do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), membro do Núcleo do Núcleo de Políticas Sociais e Urbanas da Pró-Reitoria de Extensão da mesma universidade. Contato via e-mail: aeteixeira@hotmail.com

Palavras-chave: Representações de Gênero. Essencialismo. Gibis. Maurício de Souza.

ABSTRACT

This is an exploratory and qualitative analysis of gender representations identified in a non-probabilistic sample of Monica, Cebolina, Cascão and Magali’s comic books, produced by Maurício de Souza studios and published between 1991 and 2009. We tried to demonstrate that, although some characters supposedly have some gender characteristics that would be divergent from hegemonic patterns, the analyzed comic books represent men and women (adults or children) with well-marked and hierarchical physical and behavioral characteristics. These representations reproduce essentialist conceptions of gender identities and presuppose innate differences between men and women and compulsory heterosexuality. This work adds to others in their efforts to understand the permanence of representational systems about women and men in a specific segment of the Brazilian cultural industry, in a period of important advances in identity and social policies for women in the country.

Keywords: Gender Representations. Essentialism Comic books. Mauricio de Souza.

INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos, também conhecidas como HQs ou gibis, produzidas pelos Estúdios Maurício de Souza e publicadas pela editora Panini desde 2007 (antes, editora Abril de 1970-1986, seguido de editora Globo de 1987 a 2006) representam um dos maiores sucessos do mercado editorial brasileiro de todos os tempos. Desde o primeiro gibi da Mônica publicado pela editora Abril em 1970, os Estúdios Maurício de Souza já venderam mais de um bilhão de exemplares de histórias em quadrinhos infantis. Atualmente, no Brasil, seus gibis detêm parte significativa do mercado editorial infantil, com uma média mensal de mais de 20 títulos e com tiragem de mais de 2,5 milhões de exemplares mensais impressos³. Em um contexto em que as mídias impressas têm enfrentado reduções expressivas, só para se ter uma ideia do que isso representa, a revista Veja, que é há alguns anos a revista semanal mais vendida do país, teve, em 2018, uma tiragem média semanal de 550 mil de exemplares

³ Informações extraídas do site *meio&mensagem disponível em:*

<https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2019/07/18/pronta-mauricio-de-souza-producoes-do-bidu-a-lacos.html>. Acesso em 30/09/2019.

impressos (e 330 mil acessos digitais)⁴. Já o Jornal o Globo, o maior do país, posição conquistada recentemente, (após anos de liderança do Jornal Folha de São Paulo, fechou o ano de 2018 com uma tiragem média de pouco mais de 120 mil exemplares impressos (e 195 mil acessos digitais)⁵.

As histórias da turma da Mônica também estão presentes em mais de 35 jornais brasileiros e os seus personagens ilustram dezenas de livros didáticos e paradidáticos, cartilhas educativas, atlas e até um dicionário. Também cabe ressaltar que a Maurício de Souza Produções já produziu mais de 10 longa metragens, 700 mil unidades de DVDs e VHS para uso doméstico, jogos e mais recentemente apps e possui, atualmente, mais de 4 mil itens licenciados por mais de 100 empresas dos mais diferentes ramos.

O objetivo deste trabalho foi identificar, por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória, quais são as representações de gênero existentes em gibis da Mônica, do Cebolinha, do Cascão e da Magali, publicados entre os anos de 1991 e 2009. Ou seja, procurou-se saber como homens e mulheres (crianças, jovens ou adultos) foram retratados nessas edições⁶, em um período de significativas conquistas e avanços nas políticas de gênero no país.⁷

Para realizar esse trabalho foi selecionada uma amostra não probabilística com 25 exemplares de gibis da Mônica e Turma da Mônica, do Cebolinha, do Cascão e da Magali, publicados nas duas últimas décadas, conforme distribuição apresentada na tabela 01. Optou-se em mesclar as publicações mais recentemente com algumas edições comercializadas ao longo dos anos 90 (que foram selecionados e adquiridos em sebos de Belo Horizonte, de acordo com seu estado de conservação e período de publicação), para não homogeneizar a

⁴ Fonte: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/11/revistas-semanais-recuperam-audiencia-no-digital.html>. Acesso em 30/09/2019.

⁵ Fonte: <https://jornalggn.com.br/coluna-economica/a-ascensao-de-o-globo-e-a-criese-irreversivel-da-midia-por-luis-nassif/>. Acesso em 30/09/2019.

⁶ Inicialmente, o objetivo pensado incluía o estudo dos modelos familiares existentes nesses gibis, o que se mostrou inviável devido à complexidade do recorte de gênero proposto e das limitações de tempo do autor. Pretende-se incorporar essa outra variável analítica em um segundo momento, porém, pode-se ressaltar que o autor deste trabalho compartilha, em parte, da leitura apresentada no texto “Representação da família na arte: análise da estória em quadrinhos” (PINTO, FERNANDES e HORTA, 2004). Também é importante ressaltar que a proposta original incluía a utilização de gibis do “Chico Bento” e “Turma da Mônica Jovem”, o que se considerou complicado após o início dos trabalhos devido à variação de temas, contextos e linguagem desses outros gibis, o que demandariam trabalhos de análise específicos.

⁷ Dentre elas, podemos destacar: Aprovação da Lei 9.504, em 1997, que definiu cotas de gênero para candidaturas em eleições proporcionais; criação, em 2003, da Secretaria de Política para as Mulheres (Lei nº 10.683); elaboração e aprovação, em 2004, do Plano Nacional de Política para as Mulheres (revisado em 2007 e 2013); criação no Ministério da Educação, ainda em 2004, da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECADI), importante por implementar avanços na educação de gênero na educação fundamental; sanção, em 2006, da Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340) para combater violência familiar e doméstica contra a mulher.

amostra e tentar apontar, mesmo que de forma simplificada, algumas permanências ou mudanças das representações estudadas ao longo desse tempo.

A partir dessa seleção, a coleta de evidências deu-se por meio do seguinte procedimento: Primeiramente, todos os gibis foram atenciosamente lidos diversas vezes para se identificar elementos que poderiam ser utilizados para caracterizar e analisar os gêneros apresentados nas histórias e tirinhas. A partir dessas leituras, criou-se uma “chave de coleta de evidências” na qual se procurou identificar, sistematicamente, informações relativas às seguintes variáveis: 1) trabalhos e ocupações desenvolvidas; 2) atividades de lazer e brincadeiras infantis; 3) paqueras e namoros entre os personagens. Dessa forma, todas as histórias dos gibis selecionados (aproximadamente 160 histórias e tirinhas), foram relidas e as informações relativas a essas variáveis registradas, transformadas em quadro-síntese e, por fim, comparadas aos dados, conceitos e teorias obtidos por meio de uma pesquisa bibliográfica.

Tabela 01: Relação dos Gibis selecionados e efetivamente analisados

Gibi	Mês e Ano	Número	Editora	N. de Páginas
Mônica	Jun. 2009	30	Panini	82
	Set. 2008	21	Panini	82
	Nov. 2001	184	Globo	82
	Dez. 1995	108	Globo	82
Turma da Mônica*	Jun. 2009	30	Panini	66
	Mai 2009	29	Panini	66
Magali	Jun. 2009	30	Panini	66
	Jan. 2009	25	Panini	66
	Out. 2008	22	Panini	66
	Set. 2008	21	Panini	66
	---- 2003	362	Globo	64
	Jul. 1992	81	Globo	34
	Nov. 1991	62	Globo	34
Cebolinha	Jun. 2009	30	Panini	66
	Out. 2008	22	Panini	66
	Set. 2008	21	Panini	66
	--- 2006	216	Globo	64
	Mar. 2003	201	Globo	64
Cascão	Jun. 2009	30	Panini	66
	Jan. 2009	25	Panini	66
	Out. 2008	22	Panini	66
	---- 2006	459	Globo	64
	---- 2003	424	Globo	64
	Mai 1998	297	Globo	34
	Jun. 1997	12	Globo	34

* Devido a algumas dificuldades para se adquirir alguns exemplares de gibis da Mônica e do Cebolinha optou-se em incluir dois gibis “turma da Mônica” para compensar o desequilíbrio produzido na amostra.

Fonte: O autor.

Este estudo mostrou-se relevante, pois os gibis não podem ser considerados publicações de entretenimento e lazer que apenas reproduzem determinadas configurações

sociais e culturais de um determinado tempo histórico, mas são meios de socialização efetivos, que por meio da sua “performatividade”⁸, colaboram para a atualização de padrões culturais injustos e excludentes. Esse estudo adquire maior destaque se forem considerados a representatividade que esses gibis tinham (e ainda têm) no mercado editorial brasileiro e o fato de serem utilizados durante alguns anos, a partir de 2008, em um programa de incentivo à leitura “Mais Cultura”, que foi implementado pelo Ministério da Educação⁹.

As representações de gênero nos quadrinhos

Maurício de Souza criou seus primeiros personagens, Bidu e Franjinha, e publicou suas primeiras histórias em quadrinhos em 1959, no Jornal Folha da Manhã (atual Folha de São Paulo), aonde havia sido contratado e trabalhava como reporter policial. Aos poucos outros personagens foram sendo criados: Titi, Jeremias, Piteco, Cebolinha, Cascão, etc, sendo as primeiras personagens femininas criadas apenas em meados dos anos 60. Na mesma década Maurício de Souza saiu do Jornal Folha da Manhã e montou um estúdio em São Paulo. Gradativamente ampliou a divulgação e a publicação de suas histórias em quadrinhos e personagens em diferentes jornais e revistas paulistas. Em pouco tempo conseguiu emplacar a publicação do gibi do Bidu e, a partir dos anos 70, pela editora Abril, do gibi da Mônica (1970), do Cebolinha (1972), do Cascão (1982) e da Magali (1989), e vencer a concorrência em um mercado marcado pela hegemonia de títulos e personagens estrangeiros¹⁰.

Atualmente hegemônico no mercado nacional, os gibis produzidos pelos Estúdios Maurício de Souza vêm sendo estudados por pesquisadores de diferentes áreas, através de diferentes abordagens¹¹. A idéia de realizar um estudo a partir da perspectiva de gênero em gibis de Maurício de Souza surgiu da percepção dessa ser pouco priorizada nos estudos desses HQs.

A perspectiva de gênero, segundo a abordagem não essencialista que orienta este trabalho, considera que a aparência e os comportamentos que são atribuídos e esperados de

⁸ O Conceito de performatividade, de Butler (2001; 2003), explicita o aspecto cultural e histórico da construção da sexualidade heteronormativa hegemônica, cotidianamente reforçada, legitimada e “construída” pela “prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que nomeia”.

⁹ Extraído de: <http://www.cultura.gov.br/site/2008/12/10/mais-cultura-recebe-de-mauricio-de-sousa-doacao-de-tres-milhoes-de-gibis/>. Acesso em 01/07/2009.

¹⁰ Para conhecer melhor a história de Maurício de Souza e seu trabalho ver Verdolini (2007).

¹¹ Segundo Vergueiro e Santos (2006), o Brasil foi um dos países pioneiros nas pesquisas acadêmicas sobre as histórias em quadrinhos. E apesar de uma relativa dificuldade para a sua aceitação, vem sendo realizada em diversas universidades e com uma relativa frequência, principalmente por pesquisadores da área das ciências da comunicação. Alguns bons exemplos de trabalhos de análise de gibis de Maurício de Souza são os trabalhos de Pinto, Fernandes e Horta (2004), Verdolini (2007), Santana (2007), Corso e Corso (2008) e Silva (2008).

homens e de mulheres são culturais, ou seja, são produzidas socialmente e transmitidas e legitimadas ao longo do tempo por diferentes processos de socialização e controle social. Nesse sentido, o conceito de gênero diverge das concepções de senso comum e de certa tradição científica nas quais se crê que a aparência, os comportamentos e as mentalidades de homens e mulheres derivam, naturalmente, das suas diferenças corporais, isto é, anatômicas, fisiológicas, hormonais e estruturais¹².

Dito isso, serão apresentados os dados e as análises a partir das três variáveis apresentadas na introdução.

O gênero a partir da perspectiva do trabalho

O tema do trabalho aparece de forma secundária nos gibis de Maurício de Souza analisados. E não poderia ser diferente. Como as tirinhas são voltadas para o público infanto-juvenil, retratam um universo infantil idealizado por seu criador, com atividades, brincadeiras, jogos, disputas, sonhos e fantasias que seriam típicas dessa fase, em contraposição ao mundo adulto, marcado pelo trabalho constante, mediados pelo dever e pela responsabilidade, necessários para a boa educação e o bem estar dos personagens infantis dos gibis¹³.

A única exceção identificada foi um personagem chamado “Quinzinho”. Criado para ser o namorado de Magali, “Quinzinho” é filho do “Sr. Quinzão”, dono de uma padaria no bairro do Limoeiro, e o auxilia na confecção e na comercialização dos mais variados tipos de quitutes e guloseimas, além de utilizar o seu ofício para cativar Magali. Para os demais personagens infantis, principais e secundários, o trabalho aparece apenas no contexto de algumas brincadeiras e funcionariam como simulação e preparação para a vida adulta, conforme será apontado mais à frente¹⁴.

Em relação ao mundo do trabalho se identificou uma bem demarcada divisão de papéis entre os personagens adultos homens e mulheres. Os personagens masculinos, principais e secundários, desempenham uma enorme variedade de trabalhos e ocupações que

¹² Alguns autores que abordam o gênero e a sexualidade segundo uma perspectiva não essencialista: Giddens (2005), Weeks (2001), Foucault (1999), Costa (1995), além de Butler, já citada.

¹³ Geralmente o adulto só brinca nos gibis de Maurício de Souza em momentos de saudosismo, em sonhos ou reminiscências. Isso pôde ser percebido nas histórias “Papai Crianção” (Gibi do Cebolinha, editora Globo, n.216, 2004, p. 35-42) e “Grito de Guerra de Travesseiros” (Gibi do Cebolinha, editora Panini, n.22 p. 57-66).

¹⁴ Entretanto, é importante ressaltar que nos gibis do “Chico Bento” alguns personagens infantis, tais como o próprio Chico Bento e Zé Lelé, trabalham para auxiliar seus pais no cuidado com a lavoura e na criação dos animais, enquanto as personagens meninas, tais como, Maria Ritinha e Maria Caxuxa, não costumam trabalhar na roça, mas como auxiliares de suas mães no trabalho doméstico. Isso aponta que esse gibi reproduz a mesma divisão de papéis de gênero relativos ao trabalho que foram encontrados nos gibis turma da Mônica analisados.

são realizados majoritariamente fora do ambiente doméstico (no espaço e na esfera pública), tais como: ambulantes, comerciantes, profissionais da saúde, policiais, bombeiros, motoristas, burocratas, políticos, etc. Já as atividades relacionadas aos cuidados dos filhos e “do lar”, relacionadas à esfera privada, tais como, arrumar casa, cozinhar, servir a comida, estender roupa, cuidar de filhos doentes, colocar as crianças para dormir, fazer compras, fazer feira e levar os filhos ao médico, são desenvolvidas, sobretudo, pelas mulheres. (Ver quadro 01).

Quadro 01: Tipologia e Tipos de Trabalho/Ocupação dos personagens adultos, segundo gênero, e número de ocorrências identificadas e agregadas por tipologia*

Personagens Masculinos	Personagens Femininas
<p>Balconistas, Vendedores ou Ambulantes – 16 ocorrências Sorveteiro, vendedor de algodão-doce, de coco ou doces em geral. Fruteiro, Verdureiro ou Peixeiro (reunidos em uma feira ou isolados) Farmacêutico Padeiro; Pasteleiro</p>	<p>Trabalhos Familiares e Domésticos – 37 ocorrências Servir comida para crianças e para o marido; cozinhar. Cuidar de filho doente em casa; levar filho ao médico. Colocar crianças para dormir; cuidar de nenê Levar crianças para passear “Dar bronca” (educar) os filhos em casa/na rua Bater tapete para tirar poeira Pendurar roupa para secar Cuidar de Casa: varrer, guardar objetos, mudar a decoração Fazer feira; Fazer compras em supermercado</p>
<p>Motoristas e entregadores – 08 ocorrências Condutor de ônibus; de escolar; de reboque/quinchô. Taxista Entregador de remédios; de flores.</p>	
<p>Profissionais da Saúde – 06 ocorrências Médico Psicanalista e Psicólogo Socorrista (Ambulância) Acupunturista</p>	<p>Vendedora, Ambulante e Atendimento ao público – 06 ocorrências Secretária Bilheteira de Cinema Vendedora de Algodão doce</p>
<p>Forças Policiais – 07 ocorrências Policiais; Bombeiros Soldados Marinheiros Detetives-Investigadores</p>	<p>Educação – 03 ocorrências Professora de crianças</p>
<p>Atividades familiares e domésticas – 05 ocorrências Trocar lâmpada Servir alimento às crianças; Cozinhar** Limpar Casa (varrer)** Levar crianças para passear**</p>	<p>Outros: 08 ocorrências Cozinheira: Doceira Mãe de Santo Cartomante Cabelereira Escultora Atriz de comerciais televisivos Monitora de Camping de férias “Lanterninha” de Cinema</p>
<p>Outros – 20 ocorrências Pesquisador Naturalista, Inventor Repórter, Apresentador de telejornal, Diretor de Cinema Burocrata Político Artista Plástico; Desenhista de quadrinhos Carteiro Cuidador de animais em Zoo, Tozador de animais em petshops Alpinista Caçador Operários de construção civil; Carregadores Equilibrista; Mágico de Circo “Lanterninha” de Cinema Barbeiro Garçon</p>	

* Esse quadro foi construído a partir da contagem de todas as ocorrências de trabalho ou ocupação desempenhado por personagens adultos nos gibis da amostra. Os trabalhos e ocupações foram agregados por tipos para facilitar a sua visualização e foram ordenados de acordo com a frequência em que apareceram.

** Atividades “fora do padrão” que serão analisadas no texto

Fonte: O autor.

Em apenas quatro historinhas foram identificadas situações nas quais os personagens homens são apresentados exercendo atividades que normalmente são desempenhadas por

mulheres: “Aquela tarde de sábado com o papai no shopping”¹⁵, “Papai na cozinha termina em pizza”¹⁶, “Game na real”¹⁷ e “Grito de guerra de travesseiros”¹⁸. Nelas, pode-se observar que os homens são apresentados, indubitavelmente, exercendo atividades para as quais não têm nenhuma habilidade ou que não são normalmente de sua responsabilidade.

Na primeira história, o pai de Xaveco, que é separado/divorciado e cuida do filho sozinho, resolve levá-lo para passear em um shopping. Ao longo da história é explícita a sua dificuldade para passear com Xaveco, que é demonstrado pelas inúmeras vezes em que o perde na multidão. Em “Papai na cozinha termina em pizza”, o pai de Xaveco resolve preparar uma pizza para seu filho e amigos e acaba por explodir a cozinha depois de sofridas tentativas. Já em “Game na real”, o pai de Cebolinha, Sr. Cebola, aparece de forma sutil para lembrar Cebolinha e Cascão que devem fazer uma pausa no vídeo-game para lancharem, sendo que, em seqüência, Sra. Cebola surge, de avental, para fazê-los comer e retirar a mesa. E, em “Grito de guerra de travesseiros”, Cebolinha e seu pai, depois de brincarem de guerra de travesseiros, sujarem toda a casa com penas e acordarem a irmã mais nova de Cebolinha, são obrigados a varrer a casa pela Sra. Cebola.

Já as mulheres que desempenham funções que normalmente são atribuídas aos personagens masculinos, são sempre personagens “anônimas”, utilizadas para preencher o quadrinho ou compor uma cena, e, quase nunca, têm relação direta com o tema ou personagens principais das histórias. Além de aparecerem quase sempre em um “segundo plano”, as mulheres trabalhadoras de Maurício de Souza normalmente desempenham atividades que são associadas, segundo o imaginário social e o senso comum, às mulheres: professoras infantis, secretárias, cabeleireira, mãe de santo e cartomantes, sendo raros outros tipos de ocupação.

Essas representações do mundo do trabalho, que apresentam as mulheres majoritariamente em atividades relativas ao cuidado da casa e da família e os homens em atividades braçais ou intelectuais diversas, reproduz um conjunto de representações, que vem sendo construídas e legitimadas ao longo dos séculos, segundo as quais haveria uma hierarquia natural entre homens e mulheres, derivada de diferenças inatas de seus corpos e de suas mentalidades¹⁹. Nesse sistema, homens são representados como dotados de maior força

¹⁵ Gibi do Cascão, editora Panini, n. 30, jun. 2009, p. 52 a 65.

¹⁶ Gibi do Cascão, editora Panini, n.22, out. 2008, p. 48 a 65.

¹⁷ Gibi Turma da Mônica, editora Panini, n. 29, maio 2009, 56 a 65.

¹⁸ Gibi do Cebolinha, editora Panini, n.22 p. 57-66.

¹⁹ Essas concepções de caráter essencialista foram objeto de inúmeras reflexões, estudos e debate, ao longo da história, por filósofos, médicos, teólogos, moralistas, juristas, cientistas e pessoas comuns. Entre os gregos Aristóteles, por exemplo, afirmava que “*o macho está acima da fêmea e o mais velho acima do jovem quando*

física e racionalidade, logo, mais aptos às atividades que exigiriam maior resistência física e capacidade de raciocínio, enquanto as mulheres teriam seus corpos “programados” para a reprodução, mais frágeis, física e emocionalmente, aptas à procriação, ao trabalho doméstico e a atividades ligados ao cuidado do outro²⁰.

Interessante atentar para o fato de que essa forma de conceber as diferenças entre homens e mulheres, em relação ao mercado de trabalho, se fundamenta em um ideal, articulado ao imaginário social e a um conjunto de representações coletivas, que não é próximo da realidade, evidenciada por diversas pesquisas, sobre a presença da mulher no mercado de trabalho formal e informal, no Brasil, desde a segunda metade do século XIX. Só para se ter uma ideia, o primeiro censo realizado em 1872 apontava que as mulheres já eram responsáveis pelo sustento e chefia de aproximadamente um quarto dos lares brasileiros recenseados (SAMARA, 2002). Já as últimas pesquisas mostram que, paulatinamente, as mulheres vêm aumentando a sua participação no mercado de trabalho, e representam, atualmente, quase metade da população economicamente ativa do país, apesar de ainda terem rendimentos 30% menores que os homens (em relação ao desempenho da mesma função), desenvolverem atividades mais precárias e, normalmente, desempenharem dupla ou tripla jornada de trabalho (HOFFMAN, e LEONE, 2004).

Atividades de lazer e as brincadeiras infantis

Apesar da maioria dos personagens principais dos gibis de Maurício de Souza serem crianças na faixa dos 7 anos, curiosamente as brincadeiras e as atividades de lazer também não constituem temas centrais na maior parte das histórias analisadas. Muitas se iniciaram ou se desenvolveram por meio da apresentação de outras atividades que seriam comuns ao dia a dia das personagens infantis: se levantar e tomar café da manhã, almoçar/jantar, auxiliar as

este não alcançou sua plenitude (...) A diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade” (ARISTÓTELES, 2006, p.33). Diógenes de Apolônia e Hipócrates, pensavam que as diferenças entre os corpos e habilidades masculinas e femininas derivavam da diferença entre o calor vital de homens e mulheres (SENNET, 2008). Durante a idade média, apesar de diferentes, os corpos masculinos e femininos, eram considerados, um a continuação do outro, expressando estágios de desenvolvimentos distintos dentro da mesma espécie. Só a partir do século XVIII, homens e mulheres passaram a ser representados como dotados de corpos diametralmente opostos, portanto, totalmente diferentes, servindo como substrato para perpetuar a manutenção da inferioridade natural feminina e a sua incapacidade de auto-governo. (COSTA, 1995; LAQUEUR, 2001).

²⁰ Essa concepção essencialista das identidades sexuais articula, tal como apontou Butler (2001; 2003), de forma linear e unívoca, as concepções de sexo, gênero e orientação sexual e têm repercussão em diversas esferas da vida social e sua lógica encontra-se presente nas brincadeiras e nas paqueras que serão analisadas mais à frente.

mães nas tarefas domésticas (arrumar a casa e fazer compras), cuidar dos animais de estimação (alimentar, dar banho e levar para passear), ou simplesmente andar pela rua sem uma finalidade aparente. Foi relativamente freqüente, inclusive, constatar que muitas brincadeiras, também foram apresentadas em “segundo plano”, como estratégia para se preencher o quadrinho ou para se justificar a inserção de outro personagem na história. Também foram consideráveis os casos de histórias que eram iniciadas com cenas de brincadeiras ou atividades de lazer e se desdobraram em outras atividades ou temas²¹.

Mesmo não sendo centrais, as atividades de lazer e as brincadeiras não podem ser desconsideradas em uma análise sobre o gênero das personagens por serem um dos principais marcadores simbólicos culturais das diferenças entre meninos e meninas, juntamente com a aparência e o comportamento, além de serem consideradas fundamentais para a socialização, a inserção social na vida dos adultos e a reprodução de padrões sociais específicos²².

Também se identificou uma clara distinção entre as atividades e as brincadeiras que são desempenhadas pelos meninos e pelas meninas e que reproduzem as concepções de senso comum a respeito das divisões de papéis de gênero atribuídas às crianças. Para Cebolinha, Cascão e amigos as brincadeiras mais freqüentes foram jogar futebol, soltar pipa e brincar com carrinhos, enquanto para Mônica, Magali e amigas “brincar de casinha” (que inclui atividades como “fazer comidinha” para as bonecas, servir chá e receber visitas) e brincar de bonecas, são constantes. (Observar quadro 02)

²¹ Só para se ter uma dimensão do que está sendo colocado, nos gibis selecionados apenas um sétimo das historinhas analisadas, aproximadamente, tinha como tema central as atividades de lazer e as brincadeiras.

²² Sobre a relação entre as brincadeiras infantis, a socialização e as identidades de gênero, consultar Cravo (2006) e Ribeiro (2006).

Quadro 02: Atividades de lazer e brincadeiras dos personagens infantis, segundo gênero, seguido do número de ocorrências*

Meninos	Meninas
Jogar futebol – 06 ocorrências	Brincar de casinha – 06 ocorrências
Soltar Pipa - 05	Brincar de bonecas - 04
Brincar com carrinho – 03	Brincar no parque – 02**
Jogar basquete - 02	Brincar de Roda – 01
Brincar com carrinho de rolemã – 02	Brincar com gato/cachorro - 01
Brincar de Skate - 02	Pular Corda - 01
Brincar com foguete em miniatura – 02	Pular Amarelinha - 01
Brincar no parque da Mônica – 02**	Rodar Bambolê - 01
Brincar de casinha – 02***	Brincar na areia: fazer castelinhos – 01
Brincar de roda – 01	Usar fantasias – 01
Brincar com figurinhas de jogadores (jogar bafo) - 01	Brincar de navio pirata - 01
Brincar de nave espacial – 01	Navegar na internet – 01
Brincar de navio pirata	Jogar Futebol – 01***
Brincar com telefone de lata e linha – 01	
Jogar Xadrez – 01	
Ler gibi - 01	
Jogar bolinhas de gude - 01	
Jogar Vídeo Game - 01	
Jogar Peão - 01	
Navegar na internet – 01	

* Esse quadro foi construído a partir da contagem das brincadeiras representadas pelos personagens infantis e foram ordenados de acordo com a frequência em que apareceram nos gibis.

** O Parque da Mônica é um parque temático com nove mil metros quadrados de área, instalado há 17 anos dentro do Shopping Eldorado na cidade de São Paulo (SP). Com certa periodicidade, historinhas ou gibis extras são ambientados no Parque da Mônica como forma de promover esse espaço.

*** Essas brincadeiras “fora de lugar” serão comentadas dentro do texto

Fonte: O autor.

Um olhar mais desatento poderia atribuir a três histórias uma quebra de padrões em relação ao desempenho dos papéis de gênero nas brincadeiras, por apresentarem situações “invertidas”: meninas jogando bola e meninos brincando de casinha. Entretanto, conforme evidenciado através de uma análise mais cuidadosa, constata-se que essas inversões não apresentam nenhuma mudança efetiva nas representações de gênero dicotômicas e hegemônicas na nossa cultura, por serem apresentadas de forma irônica, como comportamentos que, de fato, estão “fora de lugar”.

Em uma história intitulada “A influenciável”²³, Mônica irritada com o tempo que Magali gasta comendo, o que sempre atrasa as suas brincadeiras, propõe distrair a amiga com atividades diversas. Ao andar pelo bairro Mônica vê os meninos jogando futebol e pede para entrar no jogo. Após os meninos utilizarem expressões, tais como, “tão brincando”, “são café com leite”, as duas entram no jogo e percebe-se, pelas expressões e fala das personagens a falta de habilidade delas com a bola.

²³ Gibi da Magali, editora Globo, n.62, nov. 1991, p. 3-12.

Em “Um amigão no aniversário”²⁴, Cebolinha decide fazer uma festa secreta “só para machos”, uma festa “da cueca”, sem as meninas, para evitar as “firulas, os beijinhos e as brincadeiras cândidas”. Em uma determinada passagem da história aparece o “amigão”, supostamente um amigo imaginário de Cebolinha, com vários metros de altura. Descobre-se, ao final, que o “amigão” era um disfarce utilizado pelas meninas para se vingarem dos meninos, por meio da sua ridicularização, forçando-os a se vestirem com roupas de nenê, a dançarem “juntinhos”, a brincarem de roda e de casinha.

Já em “Brincando de Bonecas”²⁵, após destruir a casinha e as bonecas da Mônica com o seu carrinho de rolemã, Cascão empresta os seus “*action figures*” para substituir as bonecas que foram quebradas. Em diferentes momentos da história, irritado com a descontextualização e a “feminização” dos seus bonecos articulados, Cascão tenta consertar as da Mônica que ele havia quebrado, sendo ridicularizado por seus amigos que o viram nessa situação (por supostamente estar brincando de bonecas). Nessa história, mesmo com marcadores de gênero claramente apresentados, percebe-se uma mudança sutil na forma como Mônica e Cascão interagem. Nesse sentido, pode-se ressaltar o fato da Mônica utilizar mais a emoção (a chantagem emocional e o choro) e menos a agressão física na interação, e o fato de Cascão admitir, em um determinado momento, que seus “*action figures*” são “bonecas mesmo” e, ao final da história, por pena da Mônica, resolver brincar de casinha com ela (na condição de pai, obviamente)²⁶.

As “paquerinhas” infantis, os flertes e os namoros.

Em diferentes grupos e sociedades as interações afetivas, eróticas e sexuais são mediadas por elementos simbólicos e culturais e são organizadas a partir de percepções sobre as diferenças de sexo e de gênero. Faz parte de uma determinada tradição ocidental esperar que a iniciação sexual dos homens normalmente ocorra mais cedo do que a das mulheres, que deveriam se preservar para o casamento. Nessa tradição, encontra-se a mesma matriz científica, do século XVIII, que distinguia os corpos e as mentalidades de homens e de mulheres, e atribuía aos dois, sexualidades totalmente distintas. Os homens teriam um “instinto sexual” naturalmente mais aflorado (ativo) e, portanto, uma necessidade de praticar sexo com maior frequência, enquanto as mulheres, predestinadas para a procriação, teriam um

²⁴ Gibi do Cebolinha, editora Panini, n. 22, out. 2008, p. 3-20.

²⁵ Gibi do Cascão, editora Panini, n. 25, jan. 2009, p. 3-28.

²⁶ Entretanto, não foi possível constatar se essas alterações sutis na forma de representar os personagens se firmarão como uma tendência ou se constituíram um caso isolado apenas.

impulso sexual mais fraco (passivo). Em relação aos jogos afetivos e amorosos, esperava-se que as mulheres fossem mais discretas, recatadas e pudicas, cabendo aos homens a iniciativa para iniciar o flerte e conduzir a conquista amorosa, sempre em observância aos códigos morais e padrões de conduta tipicamente burgueses²⁷.

Nas HQs de Maurício de Souza as referências às “paquerinhas” e aos namoros entre os personagens infantis, juvenis e adultos ocorreram em aproximadamente 20% das histórias e tirinhas analisadas, frequência um pouco inferior à ocorrência das atividades de lazer e brincadeiras. Por outro lado, não foi identificada nenhuma referência, mesmo que sutil ou indireta, ao erotismo, ou ao sexo, como componentes dessas práticas, nem de sexualidades divergentes do padrão heteronormativo, provavelmente decorrente do fato desses gibis serem direcionados ao público infantil e da forma como Maurício de Souza concebe essa questão²⁸.

Em relação às paqueras observou-se que a maior parte das iniciativas foram tomadas pelos personagens masculinos (infantis, juvenis ou adultos) e se caracterizaram por serem mais diretas e explícitas do que as femininas (ver quadro 03). Enquanto as estratégias masculinas de abordagem se deram, por exemplo, por meio de piscares de olhos²⁹, conversas diretas³⁰ ou o contato corporal (um personagem anônimo acaricia o queixo de uma garota)³¹, as femininas se restringiram à manifestação de admiração a uma certa distância³² ou a tentativa de uma aproximação tímida e sem palavras³³. Também vale a pena ressaltar, em relação à paquera masculina, que Franjinha, Cascão e Titi apareceram paquerando mais de uma garota em uma mesma história, sendo que Cascão e Titi foram repreendidos, ao seu final, por suas namoradas ciumentas³⁴.

²⁷ Heilborn e Bozon (2001) apresentam uma síntese sobre esse modelo e dados de uma pesquisa recente demonstrando como se dão as iniciações entre jovens na atualidade.

²⁸ Maurício de Souza já declarou que questões típicas da adolescência como “sexo e drogas” poderão ser trabalhadas no gibi Turma da Mônica Jovem, mas “*de maneira elegante, ética, de preferência que seja também normativa. O que você quer para os seus filhos é o que eu quero também para os meus personagens (...)*a coisa não deve avançar muito pelas características das nossas revistas. É uma revista de família. E a gente pode tratar de todos os assuntos, mas não deve abusar da forma”. (Entrevista realizada com Maurício de Souza, por Maurício Stycer, publicada no site “Último Minuto”. Disponível em: http://ultimosegundo.ig.com.br/mauricio_stycer/2008/11/28/depois_do_primeiro_beijo_mauricio_de_sousa_pr_omete_tratar_de_sexu_e_drogas_na_turma_da_monica_3095805.html. Acesso em: 01/07/2009.

²⁹ “Piscou para mim”, Gibi da Mônica, editora Globo, n. 108, nov. 2001, pp. 42-43.

³⁰ “Aquela velha conversa”, Gibi da Mônica, editora Globo, dez. 1995, pp. 47-49.

³¹ “O encosto”, Gibi da Mônica, editora Globo, n. 108, nov. 2001, pp. 59-66.

³² “Duelo no Basquete”, Gibi do Cebolinha, editora Panini, n.22, out. 2008, pp. 36-43 e “O topetinho mutante”, Gibi do Cascão, editora Panini, n. 30, jun. 2009, pp. 03 a 14.

³³ “O Ímã”, Gibi Turma da Mônica, editora Panini, n. 30, jun. 2009, pp. 36-41.

³⁴ A “infidelidade” representada por Cascão e Titi, não foi observada em nenhuma personagem feminina.

Quadro 03: Enumeração dos casos de “paqueras” identificados, segundo gênero

Iniciativa para a paquera	
Dele	Dela
1. Franjinha paquera diversas garotas ao passear com Bidu 2. Titi pisca para diversas garotas ao ir encontrar sua namorada 3. Um rapaz paquera uma garota em um ponto de ônibus 4. Pai de Xaveco paquera Jovem em um Shopping 5. Rolo tenta paquerar uma instrutora de academia 6. Pedrinho paquera Mariana depois de receber conselho de Rolo 7. Pedrinho tenta paquerar uma garota enviando cartas a ela 8. Cebolinha tenta paquerar mãe do Cascão	1. Mônica tenta paquerar Lucas 2. Duas garotas elogiam Cascão após ele conseguir um topete através de uma fórmula. 3. Duas garotas ficam admirando Lucas enquanto joga basquete

Fonte: O autor

Em relação aos casais de namorados, além de Cascão e de Titi, cujas namoradas aparecem rapidamente em apenas duas historinhas para reaprendê-los por paquerarem outras garotas, foram identificados os pares compostos por Quinzinho e Magali, Tina e Paulinho e Muminho e Nefritura.

Quinzinho e Magali aparecem juntos em duas histórias. Em “Duelo de Tantãs”³⁵, Quinzinho se fantasia de “Capitão Brioche” para proteger Magali das sátiras de Cebolinha e Cascão e alimentá-la quando ela sente fome. Em “Paezinhos de Magali”³⁶, Quinzinho confecciona pães e biscoitos com o pensamento todo voltado para sua namorada deixando seu pai irritado pela desatenção. Assim, Quinzinho é representado como um namorado romântico e super-protetor. Características também encontradas em Paulinho, um novo namorado de Tina, apresentado em “Namorado tão protetor”³⁷. Por fim, Muminho em “Encontro Marcado”³⁸ é representado como um namorado que, independente dos seus esforços, sempre é criticado por se atrasar aos encontros com Nefritura.

Considerações Finais

Constatou-se que os títulos de Maurício de Souza analisados reproduzem categorias de gênero hierarquicamente ordenadas e que demarcam claramente as diferenças entre homens e mulheres, entre meninos e meninas. Além do mais, tais caracterizações não são em nenhum

³⁵ Gibi da Magali, editora Panini, n. 25, jan. 2009, pp. 52-65.

³⁶ Gibi da Magali, editora Panini, n. 22, out. 2008, pp. 24-28.

³⁷ Gibi da Mônica, editora Globo, n. 184, nov. 2001, pp. 27-33.

³⁸ Gibi da Mônica, editora Globo, n. 184, nov. 2001, pp. 46-54.

momento questionadas ou problematizadas pelos personagens ou pelas histórias em si, passando a idéia de que são legítimas e “normais”.

Curioso também observar que tais representações estavam muito distantes da complexa realidade social do período em que circularam, das conquistas observadas nas políticas de gênero após a promulgação da Constituição Federal de 1988, e dos desafios e dificuldades que ainda eram enfrentados pelas mulheres (alguns ainda não superados), se vinculando a ideais e modelos inscritos no imaginário social que naturalizam as diferenças entre homens e mulheres e a heterossexualidade como o único padrão referenciado, e portanto, aceitável para os relacionamentos afetivos/eróticos.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Do Governo Doméstico. In: **A política**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, pp. 9-39.

BUTLER, Judith. Sujeitos do sexo, gênero, desejo. In: **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Cap. 1.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 151-172.

CORSO, Gizelle Kaminski e CORSO, Josiele Kaminski. **Virulenta violência nas histórias em quadrinhos?** Trabalho apresentado no 8º Seminário Fazendo Gênero, Florianópolis, 25-28 de ago. de 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST24/Corso-Corso_24.pdf. Acesso em: 25/06/2009.

COSTA, Jurandir Freire. “A construção cultural da diferença dos sexos” In: **Sexualidade, Gênero e Sociedade**, Publicação Semestral, Ano 2, Número 3, junho de 1995, pp. 3-8.

CRAVO, Alessia Costa de Araújo. **Brincadeiras infantis e a construção das identidades de gênero**. (Dissertação de Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2006. 120f. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=759. Acessado em 07/07/2009.

GIDDENS, Antony. Gênero e Sexualidade. In: **Sociologia**. Porto Alegre: ArtMed, 2005. Cap.5.

BOZON, Michel e HEILBORN, Maria Luiza. As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris, **Novos Estudos CEBRAP**, nº 59, março 2001.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. A vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PINTO, Júlia Peres, FERNANDES, Maria das Graças O. e HORTA, Ana Lúcia de Moraes. Representações da família na arte: análise da estória em quadrinhos. **Acta Scintiarum**. Maringá, v.26, n.1, pp. 21-26. 2004.

RIBEIRO, Jucélia Santos Bispo. Brincadeiras de meninas e de meninos: socialização, sexualidade e gênero entre crianças e a construção social das diferenças. **Cadernos Pagu**. Unicamp, n.26, pp. 145-168, 2006.

SANTANA, Erivelton Nonato. **Gibi, o aparelho ideológico quadrinhizado**: considerações sobre a diversidade discursiva e o caráter instrutivo e educativo nas histórias da turma da Mônica. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2007.

SENNET, Richard. Nudez: o corpo do cidadão na cidade de Péricles. In: **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008. pp. 28-69.

SILVA, Andréia Cristina. A constituição do ethos feminino da personagem Mônica de Maurício de Souza. **Revista de Estudos Linguísticos**, São Paulo, 37(3), pp.199-206, set-dez. 2008.

VERDOLINI, Thais Helena Afonso. **Turma da Mônica: história intertextual em 40 anos de história**. (Dissertação de Mestrado), Mestrado em Letras, Universidade Mackenzie, 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. pp. 35-82.